



Ativos

CEREAIS, FIBRAS E OLEAGINOSAS

Ano 10 - Edição 22 - Maio de 2017

twitter.com/SistemaCNA
facebook.com/canaldoprodutor
instagram.com/cna_brasil

www.cnabrasil.org.br
www.canaldoprodutor.tv.br

Desvalorização da soja desacelera compra de insumo para a safra 2017/2018

Este primeiro semestre de 2017 não está tão favorável financeiramente ao produtor de grãos brasileiro. Ainda que os preços dos principais insumos agrícolas, especialmente os dos fertilizantes, estejam em queda, os valores da saca da soja registram recuos ainda mais intensos nestes primeiros meses de 2017, segundo pesquisas do Projeto Campo Futuro – CNA. Esse cenário tem diminuído a rentabilidade esperada para a próxima safra e o poder de compra do agricultor brasileiro.

Até abril/2017, a produtividade de nivelamento (produção mínima para cobrir o orçamento) da soja de tecnologia RR estimada para a safra 2017/2018 superava à do mesmo período da temporada 2016/2017 nas principais regiões produtoras do País. Diante disso, muitos produtores têm postergado as aquisições dos insumos para a próxima safra, mesmo com muitas campanhas já lançadas no Sul do País. No geral, agentes de mercado consultados acreditam que as vendas melhorem em maio.

No Cerrado brasileiro, região em que as compras de insumos geralmente ocorrem antes que no Sul, os negócios estão atrasados. Enquanto até abril/2016, produtores da região de Rio Verde (GO) já haviam adquirido mais de 50% dos fertilizantes para a safra 2016/2017, em abril/2017, apenas 25% desse insumo foi comprado para a temporada 2017/2018. Já no Sul, o ritmo é ainda mais lento, com apenas 10% dos fertilizantes da próxima safra adquiridos em boa parte das regiões.

Os atuais patamares de custos e de preços já começam a preocupar tanto comerciantes quanto produtores. Considerando-se as regiões do Cerrado brasileiro, segundo dados do Projeto Campo Futuro - CNA, o orçamento mais apertado para a safra 2017/2018 foi verificado

em Sorriso (MT), onde a produtividade da oleaginosa deve atingir, no mínimo, 52,6 sacas por hectare para cobrir o custo operacional efetivo (COE), calculados em R\$ 2.506,31/ha em abril/2017, contra produtividade de nivelamento de 46,2 sc/ha no mesmo período da temporada passada. A saca da soja, negociada a R\$ 47,67 em abril/2017, se desvalorizou 18% em relação a abril/2016 (R\$ 58,15/sc), em termos nominais. Já o custo operacional efetivo (COE) para a safra 2017/2018 está apenas 7% menor que no mesmo período.

Em Primavera do Leste (MT), praça que costuma produzir, em média, 55 sc/ha na soja, o custo operacional efetivo (COE) em abril/2017 foi calculado em R\$ 2.551,02/ha e o preço da saca da soja na região foi de R\$ 51/sc. Sendo assim, para que o produtor pague o COE, teria que produzir 50 sc/ha. Estes resultados indicam que a produtividade de nivelamento está 25% maior se comparada à da temporada anterior, quando estava em 39,9 sc/ha.

No Nordeste, para os produtores de Balsas (MA), a produtividade de nivelamento foi calculada em 45,1 sc/ha para um custo operacional efetivo (COE) de R\$ 2.432,82/ha, ante a produtividade média típica da soja de 50 sc/ha. Em abril/2016, eram necessárias 37 sc/ha, quando a soja era vendida a R\$ 66,59/sc para cobrir o COE. O preço da saca de soja em abril/2017 está 18% menor que o de abril/2016, em R\$ 54,57/sc.

Em Rio Verde (GO), onde a produtividade típica é de 58,5sc/ha para a soja, o custo operacional efetivo (COE) de R\$ 2.274,55/ha seria pago com uma produtividade mínima de 44 sc/ha, visto que o preço atual da saca de soja na região é de R\$ 51,7/sc. Essa simulação indica aumento de 5,7 sacas sc/ha em relação ao cenário verificado na safra 2016/2017.

Em Uberaba (MG), as negociações também seguem lentas, e os resultados para a safra 2017/18 mostram que o custo operacional efetivo (COE) de R\$ 2.365,72/ha seria pago com uma produção mínima de 42,2 sc/ha, vendidas ao preço atual de abril/2017 (R\$ 56,03/sc). Já na safra 2016/2017, considerando-se a média de R\$ 63,8 da saca da soja em abril do ano passado, 37,1 sc/ha pagavam o custo operacional efetivo (COE) de lá para cá, houve queda de 12% no preço da soja e aumento de 13,8% na produtividade de nivelamento.

No Sul do País, o estado do Paraná também apresenta resultados menos favoráveis neste ano. Em Guarapuava (PR), onde a produtividade típica é de 58,3 sc/ha para a soja, o custo operacional efetivo de R\$ 2.390,87/ha seria pago com uma produção mínima de 41,8 sc/ha, tendo em vista que o preço atual da saca de soja na região é de R\$ 57,2/sc. Esta produtividade indica aumento de 3,1 sc/ha em relação à da safra 2016/2017, ou seja, elevação de 8%.

Para Cascavel (PR), praça com custo operacional efetivo de R\$ 2.408,45/ha em abril/2017 e com a saca vendida, em média, a R\$ 56,25, a produtividade de nivelamento para a próxima safra seria de aproximadamente 42,8 sc/ha, cerca de 15% maior que o da temporada anterior, quando era de 37,3 sc/ha.

Londrina (PR), região que tem como produtividade típica 55 sc/ha na soja, apresentou em abril/2017 custo operacional efetivo (COE) de R\$ 2.267,47/ha e preço médio de R\$ 56,21/sc. Assim, os resultados para a próxima temporada teriam que ser de no mínimo 40,3 sc/ha para que o custo operacional efetivo (COE) fosse pago. Este cenário indica que a produtividade de nivelamento está 8% maior se comparada à da temporada anterior, de 36,6 sc/ha.

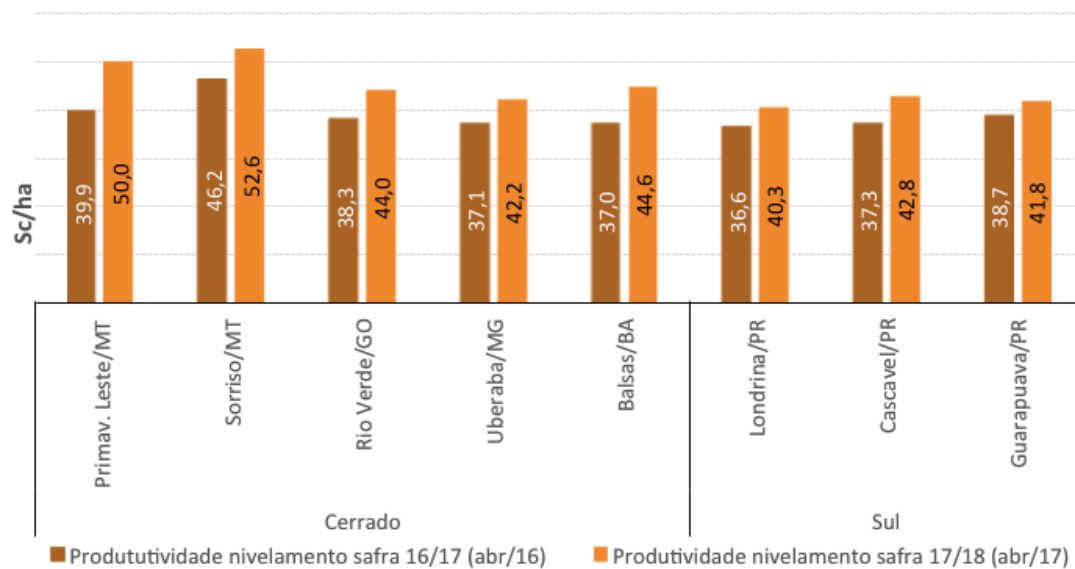


Figura 1. Produtividade de nivelamento da soja na safra 16/17 e orçamento para a safra 17/18 (abril/17) nas principais regiões produtoras do Brasil | Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017). | Elaboração: Cepea/Esalq-USP.

A previsão indica boa produtividade, mas a queda no preço do milho compromete produtividade de nivelamento

A colheita brasileira de milho segunda safra se aproxima e as expectativas de agentes, no geral, são de alta produtividade nas principais regiões. Em análise realizada pelo Projeto Campo Futuro, verifica-se que, apesar de bons rendimentos, as produtividades de nivelamento estão muito próximas ou até mesmo abaixo do Custo Operacional Efetivo (COE), devido às recentes quedas nos preços do milho. Esse cenário acende um sinal de alerta aos produtores de segunda safra.

Para chegar a esse resultado, foi considerado o Custo Operacional Efetivo (COE) médio de agosto de 2016 a fevereiro de 2017, período quando se concentram as compras dos insumos para a temporada. Para esse cálculo, também foram considerados a produtividade esperada no decorrer da safra e o preço médio da saca de milho em abril de 2017. No caso das simulações realizadas nas praças de Mato Grosso, foram considerados os preços médios no mercado de lotes (disponível), visto que a amostra de valores de balcão é limitada. Além disso, no custo operacional efetivo (COE) de Mato Grosso, também foram acrescentadas as despesas com recepção, secagem e armazenamento, afim de se equalizar esta disparidade nas cotações.

Em Primavera do Leste (MT) o custo operacional efetivo (COE) médio do milho se-

gunda safra é de R\$ 1.958,23/ha. Como o valor médio da saca de milho disponível da região em abril/2017 foi de R\$ 19,73/sc, a produtividade de nivelamento ficaria em torno de 99,26 sc/ha, contra uma expectativa de produtividade média de 110 sc/ha. Se confirmada a produtividade esperada, o produtor dessa região pagaria o custo operacional efetivo (COE) e restariam quase 11 sc/ha.

Em Sorriso (MT), foi calculado um custo operacional efetivo (COE) médio de R\$ 1.839,15/ha. Assim, considerando-se preço médio da saca de milho disponível em abril/2017, de R\$ 19,05/sc, a produtividade de nivelamento fica em torno de 96,54 sc/ha. Em março, a região apresentou problemas com infestação de cigarrinha, levando à diminuição da produtividade esperada para 100 sc/ha.

No estado de Goiás, os resultados nas condições simuladas não são satisfatórios. Em Rio Verde (GO), o custo operacional efetivo (COE) foi calculado em R\$ 2.188,40 /ha, o maior dentre as regiões do Cerrado. O valor médio da saca de milho no balcão em abril/2017, por sua vez, foi de R\$ 20,95/sc, com produtividade de nivelamento em torno de 104,44 sc/ha. A produtividade média esperada, por outro lado, é 100 sc/ha, fazendo com que os produtores precisassem de quase 5 sacas a mais para cobrir o COE.

Em Mato Grosso do Sul, a praça de Dourados apresentou custo operacional efetivo (COE) médio de R\$ 1.820,57/ha, o menor verificado dentre as regiões do Cerrado analisadas. Como o valor médio da saca do milho balcão em abril/2017 foi de R\$ 18,08/sc, a produtividade média de nivelamento é calculada em torno de 100,7 sc/ha se comparada ao rendimento médio esperado, de 100 sc/ha, igualando a receita ao desembolso.

No Paraná, a região de Cascavel apresentou custo operacional efetivo (COE) de R\$ 2.551,45, o mais alto verificado na análise. O valor da saca de milho foi de R\$ 21,00/sc em abril/2017, fazendo com que a produtividade de nivelamento ficasse em 121,5 sc/ha, sendo que a produtividade média esperada está em 120 sc/ha, déficit 1,5 sc/ha para se pagar o COE.

Em Londrina, o custo operacional efetivo (COE) médio calculado para abril/2017 foi de R\$ 2.443,08/ha. Como o valor da saca de milho foi de R\$ 21,17/sc, a produtividade de nivelamento para esta praça ficaria em torno de 115,4 sc/ha, contra uma expectativa de produtividade média de 110 sc/ha, o que também não pagaria o desembolso.

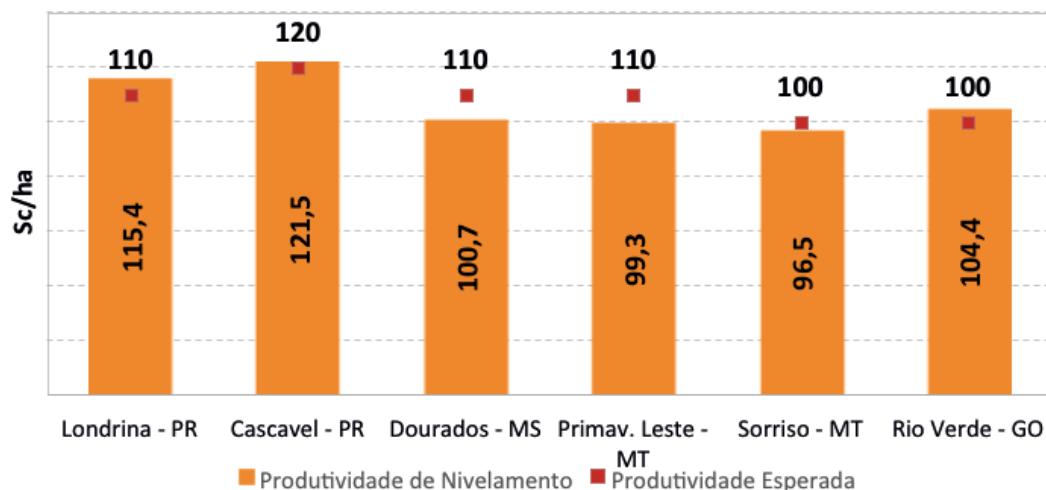


Figura 2. Produtividade de nívelamento e produtividade esperada para o milho 2ª safra para a temporada 2016/17
Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017). | Elaboração: Cepea/Esalq-USP.

As previsões indicam bom desenvolvimento no milho 2ª safra

As lavouras de milho de segunda safra estão com bom desenvolvimento e devem resultar em boa produtividade em todas as principais regiões produtoras do cereal. No Cerrado, o clima em abril foi um pouco mais seco, o que é esperado para o período e não preocupa os agentes do setor.

No mês de abril, os períodos de estiagem variaram de 15 dias em algumas áreas do interior de Goiás e de 10 dias no sul de Mato Grosso e Triângulo Mineiro. Porém, apenas em Rio Verde (GO) alguns produtores estimam que essa falta de chuvas possa resultar em perdas de produtividade, já que a estiagem coincidiu com o enchimento de grãos.

Quanto a pragas, a cigarrinha-do-milho (*Daubulus maidis*) tem incomodado produtores do Cerrado, elevando o número de aplicações de inseticida para o controle da praga. Em algumas áreas de Rio Verde (GO), até sete aplicações de inseticidas foram feitas até abril. Em

Primavera do Leste (MT) e Rondonópolis (MT), produtores realizaram de cinco a sete pulverizações com foco principal na cigarrinha.

Nas regiões de Campo Novo do Parecis (MT), Sorriso (MT) e Uberaba (MG), a incidência de pragas é menor, inclusive da cigarrinha-do-milho. Na média, foram realizadas duas aplicações de inseticidas nestas regiões nas lavouras de milho de segunda safra.

No estado paranaense, as precipitações ocorreram com intervalo de sete dias em abril. Em Londrina (PR), onde foram registrados 150 mm de chuvas, segundo colaboradores do Cepea, e em Cascavel (PR), com média de 170 mm, espera-se colher 110 e 120 sacas por hectare, respectivamente. Até o momento, a menor ocorrência de chuvas não influenciou a expectativa de boa produtividade para as lavouras, visto que, em 60% das áreas, o cereal está em fase final de enchimento de grãos.

Quanto às pragas no Sul do País, o percevejo-barriga-verde (*Dichelops melacanthus*), comum nas lavouras de soja, tem sido registrado nas lavouras de milho de segunda safra. Isso já era esperado pelos agentes consultados, uma vez que houve a migração dos insetos das lavouras de soja para as de milho. Em Londrina (PR) e em Cascavel (PR), produtores têm mantido o mesmo número de aplicações de inseticidas para o controle da praga em relação à temporada anterior, com alteração apenas nos produtos utilizados.

Apesar da elevada incidência, não existem casos de replantio ou perdas significativas. Apenas em Cascavel (PR) há relatos de que cerca de 5% das áreas foram atingidas pela lagarta-da-espiga; porém, o aparecimento da praga não deve afetar de maneira representativa a produtividade local. Além disso, na última semana de abril, alguns focos de ferrugem foram registrados em Londrina (PR), com necessidade de segunda aplicação de fungicida para o controle da doença.

Baixos preços e custos elevados desestimulam triticultor

Produtores que decidem semear o trigo geralmente encontram cenário adverso: altos custos, preços pouco remuneradores, baixa rentabilidade e o alto risco inerente à cultura. Em abril/2017, não foi di-

ferente: a relação de troca esteve bastante desfavorável aos triticultores, visto que os atuais patamares de custos e preços exigem alta produtividade para se pagar o custo operacional efetivo.

Para produtores que compraram insumos em abril/2017, o custo operacional efetivo (COE) totalizou R\$ 1.650,14/ha em Cascavel (PR), R\$ 1.755,80/ha em Guarapuava (PR) e R\$ 1.607,30/ha em Carazinho (RS).

Se estes custos fossem convertidos para sacas de 60 kg de trigo, com os preços médios de venda do cereal no mesmo mês, o produtor típico precisaria produzir 52,1 sc/ha, 56 sc/ha e 57,7 sc/ha, respectivamente, para cobrir o custo operacional efetivo (COE).

Considerando-se que a média de produtividade histórica destas regiões raramente supera as 50 ou 55 sacas do cereal por hectare, com exceção de Guarapuava (PR), o cenário é bastante desfavorável. A dinâmica de mercado e os resultados obtidos têm desestimulado cada vez mais o se-

meio do trigo, além de levar produtores a optar por outras atividades, como o semeio da aveia branca, canola, cevada, ou, até mesmo, deixar as áreas em pousio.

Segundo a SEAB (Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná), para a safra 2016/2017, a área semeada com trigo no estado deve cair 8% se comparada à safra anterior (2015/2016). Sendo assim, o estado deve produzir em 998,98 mil hectares. Guarapuava (PR) é uma das regiões que mais deve reduzir a área, ou 15.000 hectares. Para a SEAB, Guarapuava deve semear 38.000 hectares frente 53.000

da safra anterior. Cascavel (PR) também deve semear na safra 2016/2017 uma área menor que na safra anterior. A região deve semear 13% menos, o equivalente a 99.200 hectares.

O Rio Grande do Sul também deve plantar menos na atual safra que na passada. Segundo a EMATER/RS (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio Grande do Sul) os produtores não estão animados para o semeio da cultura e devem reduzir a área cultivada com o cereal no estado em 6,49%, o equivalente a 727,7 mil hectares. 🌱

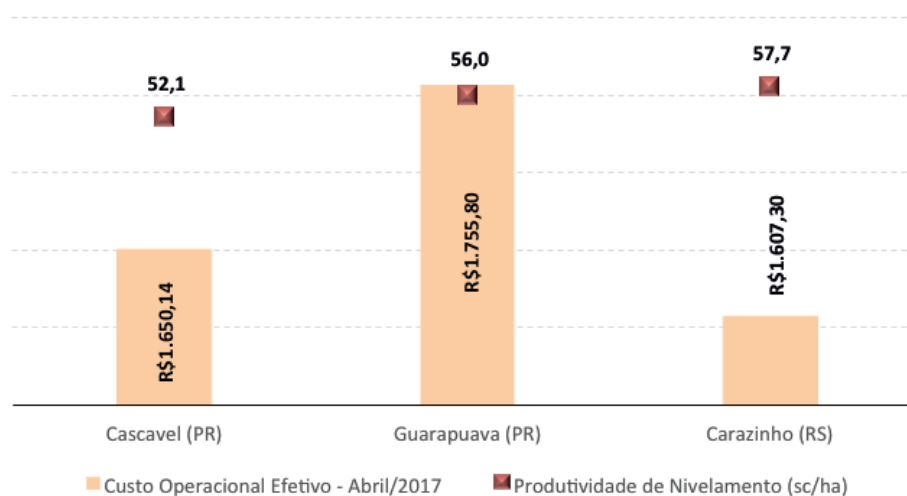


Figura 3. Orçamento (COE) do trigo para a safra 2017/18 e produtividade de nivelamento

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017).

Elaboração: Cepea/Esalq-USP.